

O FEMININO NO CADERNO CIÊNCIA E SAÚDE DO JORNAL DA FOLHA DE SÃO PAULO¹

Guilherme de Paula Pires

robertoramospires@gmail.com

Mestre em jornalismo pela
Universidade Estadual de Ponta Grossa

DOI: <http://dx.doi.org/10.21882/ruc.v4i7.614>

Recebido: 15/04/2016
Publicado: 07/12/2016

60

*THE FEMALE IN THE BOOK SCIENCE
AND HEALTH THE NEWSPAPER
FOLHA DE SÃO PAULO*

RESUMO

Ao tomar como base metodológica o Projeto de Monitoramento de Mídia Global (WACC), realizado desde 1995, o presente artigo se desenvolve com o objetivo de verificar a inserção e a participação feminina no caderno Ciência e Saúde, do jornal Folha de São Paulo, periódico de maior circulação no país no que se refere a produção das informações, ou seja, o jornalista responsável por escrever as notícias e reportagens, quanto à escolha das fontes presentes nas narrativas jornalísticas do referido caderno pesquisado. A pesquisa tem uma hipótese central de que as mulheres, ao serem maioria no exercício profissional do jornalismo, e praticamente se equivalerem na proporção em relação aos homens no campo da ciência, ao menos nesse caderno, os jornalistas optariam por fontes femininas para escreverem os seus relatos.

Palavras-chave: Representação feminina. Jornalismo científico. Ciência.

ABSTRACT

Taking as a methodological basis the Global Media Monitoring Project (WACC), held since 1995, this paper develops in order to verify the inclusion and participation of women in Science and Health notebook, newspaper Folha de São Paulo newspaper the largest circulation in the country as regards the production of information, that is, the journalist responsible for writing news and reports as to the choice of these sources in journalistic narratives of that researched book. The research has a central hypothesis that women, when they are most in the professional practice of journalism, and practically equate the proportion in relation to men in science, at least in that book, journalists would opt for female sources to write their reports.

Keywords: Female representation. Science journalism. Science.

¹Trabalho apresentado no GT Comunicação e Sociedade do VII Encontro de Pesquisa em Comunicação – ENPECOM.

Introdução

Apesar do dispositivo (versão on-line do jornal) observado no presente artigo não ser o mesmo da época em que o filósofo Hegel, ainda no século XIX, definiu os vínculos entre jornalismo e cotidiano, “o jornal é a oração matinal do homem moderno”, (Apud Moretzsohn, 2007), ela ainda diz muito sobre a importância conquistada pelo jornalismo, que já é uma instituição social reconhecida pela sociedade desde os tempos do iluminismo. Em uma livre interpretação da frase do filósofo, poderíamos notar que a leitura matinal dos jornais é um mergulho na realidade, pondo em ordem os fatos do dia. Concomitante a isso, poderíamos notar o gênero masculino presente nessa assertiva. Os jornais, além de panfletários, cujo objetivo antes de informar “era tomar posição tendo em vista a mobilização de leitores para as suas causas” (Ribeiro, 2007) tinham em suas redações a presença majoritariamente masculina. Passados mais de um século dessa afirmação não deveria ser possível observar que o jornalismo ainda seja visto como reforçador de estereótipos de gênero com relação às mulheres e às minorias. Mas, como demonstraram diversas pesquisas (KOSHIYAMA, 2001; MUZART, 2013; ROCHA, 2004) que se aventuraram sobre a representação feminina na mídia, a mídia, por vezes, vem reafirmar e reforçar valores estereótipos em relação à condição feminina. Em certas áreas, historicamente mais estabelecidas, como a religião e a ciência, esse determinismo em relação ao gênero é ainda mais presente.

Os homens estão aí. A história dos homens está aí, onipresente. Ela ocupa todo o espaço e há muito tempo. As mulheres sempre foram concebidas, representadas, como uma parte do todo, como particula-

res e negadas, na maior parte do tempo. Podemos falar do silêncio da História sobre as mulheres. Não é de espantar, portanto que uma reflexão histórica participe dessa descoberta das mulheres sobre elas próprias e por elas mesmas, aspecto de sua afirmação no espaço público [...] porque a emancipação das mulheres, que diz respeito às relações entre os sexos, é um dos fatos maiores do século XX. E aqueles que se surpreendem, provavelmente não estão a par do desenvolvimento considerável dessa reflexão no mundo ocidental há um quarto de século².

E essa “descoberta das mulheres sobre elas próprias e por elas mesmas”, como diz Perrot (1999), no jornalismo se deu pela imprensa alternativa, no final do século XIX, em especial o primeiro periódico brasileiro escrito e dirigido por mulheres.

Redigir um jornal é para muitos literatos o apogeu da suprema felicidade, já sou Redator, esta frasezinha dita com seus botões faz crescer dois palmos a qualquer indivíduo. No círculo ilustrado o Redator é sempre recebido com certo prestígio do homem que em letra de imprensa pode dizer muita coisa, propícia ou fatal a alguém. Ora, pois, uma Senhora à testa da redação de um jornal! que bicho de sete cabeças será? Contudo em França, em Inglaterra, na Itália, na Espanha, nos Estados Unidos, em Portugal mesmo, os exemplos abundam de Senhoras dedicadas à literatura colaborando [em] diferentes jornais. Porventura a América do Sul, ela só, ficará estacionária nas suas idéias, quando o mundo inteiro marcha ao progresso e tende ao aperfeiçoamento moral e material da Sociedade? (NORONHA apud MUZART, 2003, p. 227).

Com a maior presença feminina nos cursos de graduação de jornalismo e na reda-

² Trecho da entrevista publicada na revista *Les Femmes dans La France*, 1999.

ção, era de se esperar um maior equilíbrio nas temáticas e nos discursos dos cadernos. Portanto, assim como a compreensão do termo gênero, aqui entendido como “uma maneira de indicar ‘construções sociais’ – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres” (SCOTT, 1990, p.7), o jornalismo, por ser igualmente um dos atores responsáveis pela construção social da realidade, torna-se um ator importante em pesquisas que objetivam observar a representação de gênero na sociedade atual.

A partir da perspectiva mencionada acima, a pesquisa tem por objetivo, primeiro identificar se as mulheres se fazem representadas no caderno Ciência e Saúde, da Folha de S. Paulo, seja como jornalista ou fonte, para em seguida observar como elas são construídas na mesma narrativa. Para isso, optou-se pela metodologia do Projeto de Monitoramento de Mídia Global (WACC), que realiza pesquisa de gêneros há cerca de 20 anos em diversas partes do mundo. Além de contribuir para a compreensão de gênero a partir do jornalismo de ciência essa pesquisa mostrou, como pode ser observado nas considerações finais, que mesmo a mulher sendo maioria na carreira acadêmica, assim como jornalista, ela é pouca representada como fonte nas notícias no caderno pesquisado.

Aportes metodológicos

Esta pesquisa tomou como base o Projeto de Monitoramento de Mídia Global (WACC), realizado desde 1995 em diversos países. Este artigo irá aplicar algumas das regras propostas pelo Guia de Monitoramento de Jornal, de 1998. O objeto empírico deste trabalho é o caderno Ciência e Saúde,

do jornal Folha de São Paulo. O período para coleta dos dados se deu a partir do dia 15 de fevereiro até 15 de março de 2015, totalizando 39 trabalhos jornalísticos entre matérias e colunas assinadas. A pesquisa observou o jornal na forma impressa, disponibilizada por meio de plataforma digital. Nessa versão somente os textos estão disponíveis, portanto, as fotos, uma das categorias propostas pelo Guia de Monitoramento, foi desconsiderado nessa pesquisa.

Antes, porém, de apresentar os resultados da coleta faz-se necessário entender o objeto de estudo. Para isso, o artigo trará uma breve história do caderno Ciência e Saúde, da Folha de São Paulo, assim como a presença feminina na ciência e no jornalismo científico. Esse percurso é importante já que, como mostram os resultados da coleta, a maior presença de fontes masculinas no caderno estaria ligada a uma menor incidência de presença feminina como pesquisadoras sênior, sabidamente as mais consultadas por esse tipo de especialização.

Posteriormente ao percurso anterior foram analisadas as matérias publicadas, com o objetivo de identificar a presença de homens e mulheres como fontes e produtores de notícias. Após esse percurso serão observados os textos jornalísticos publicados para identificar, seguindo a metodologia de monitoramento de jornal, o papel destinado aos homens e as mulheres nas práticas, tanto da ciência quanto do jornalismo, com a finalidade de identificar o espaço destinado às mulheres não só no que diz respeito a ser citada como fonte, mas também com a intenção de mensurar o espaço destinado a ela no como jornalista de ciência.

Portanto, as categorias de análise consideradas para essa pesquisa foram: quem escreveu a notícia (jornalista/repórter), pessoa citada na reportagem (direta ou indiretamente), pessoa na notícia (sexo, idade, profissão, etc.), com relação a questões de gênero e se a notícia reforça estereótipos em relação às mulheres.

Breve história da temática ciência na Folha de São Paulo

No extinto Folha da Manhã, jornal que deu origem à Folha de S. Paulo, José Reis, apontado como um dos pioneiros na cobertura do tema recebeu a incumbência de criar e dirigir uma seção sobre assuntos científicos – “No Mundo da Ciência” – publicada todo domingo, a partir de 1948. “Os artigos de divulgação abrangiam praticamente todas as áreas do conhecimento, e não raro versavam sobre assuntos que se tornavam palpantes”. (REIS, 1982). Durante mais de 50 anos Reis assinou a coluna “Periscópio”, no mesmo jornal.

Ao longo do tempo o caderno de ciência passou por diferentes nomes e periodicidade, como “Educação e Ciência”. Em março de 1989 surge a “Folha Ciência” e três anos depois, em 1992, passou a circular somente aos domingos, na seção “Mais”. A partir de março de 2010 passa a integrar o caderno “Cotidiano” e hoje circula diariamente, com a exceção das quartas-feiras, com o nome “Ciência e saúde” quando passa a integrar assuntos de saúde na sua temática.

A presença das mulheres na ciência

No dia 11 de Setembro de 2011, o então Presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao empossar o novo Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia, em Brasília, se referiu ao

grupo como o “clube do Bolinha”, por ter como representante feminina apenas Wрана Maria Panizzi, reitora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como única mulher no grupo dentre os 24 representantes da época. Vale lembrar o que disse o então presidente na cerimônia de posse:

Não sei se todos vocês tiveram a sensação que eu tive. Esse conselho é um "Clube do Bolinha". Não foi citado o nome de uma mulher, que é uma coisa que nós vamos ter que reparar daqui para frente. A não ser que alguém prove que não tem mulher cientista. Ou que não tem mulher no governo (Luís Inácio Lula da Silva, 2011)³.

Seis anos antes do discurso o Governo Federal lançou o Programa Mulher e Ciência, composto pelos grupos interministeriais Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM), Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). Segundo consta na página do programa seu objetivo é “estimular a produção científica e a reflexão acerca das relações de gênero, mulheres e feminismos no país; promover a participação das mulheres no campo das ciências e carreiras acadêmicas”. Entre as ações do programa⁴ está o “Prêmio Construindo a Igualdade e gênero”, lançamento de editais “relações de gênero, mulheres e feminismo”, e a realização do encontro “Pensando Gênero e Ciências”.

Se olharmos em retrospectiva, ao longo de toda a história o espaço de partici-

³ Integra do discurso disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,esse-conselho-e-um-clube-do-bolinha-diz-lula,20030911p36152>>.

⁴ Disponível em: <www.cnpq.br/web/guest/apresentacao2>.

pação feminina em diversos ambientes foi conquistado por meio de lutas e no campo da ciência não foi diferente. Segundo Schiebinger (2001) as universidades só passaram a admitir mulheres em seus quadros discentes no final do século XIX e início do século XX, quase sete séculos após a sua criação.

Segundo Melo e Lastres (2006), a produção de conhecimento das mulheres ainda não reflete a maior presença feminina no ensino superior. “Apesar do crescimento expressivo do número de mulheres com formação universitária no Brasil, a participação feminina na produção do conhecimento ainda está aquém da presença feminina na universidade⁵” (MELO e LASTRES, 2006, p. 132). Em 2003, as pesquisadoras Hildete Pereira de Melo e Helena Maria Martins Lastres, respectivamente da Faculdade de Economia Universidade Federal Fluminense e do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, examinaram o tema “Ciência e Tecnologia numa Perspectiva de Gênero: o caso do CNPQ”. Com base nos dados do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) na sua versão 4.0 traçaram “um quadro da inserção feminina no sistema de pesquisa científica e tecnológica nacional” (MELO e LASTRES, 2006, p. 131).

Nessa pesquisa, as autoras relatam que desde 1995 as mulheres são maioria na concessão de bolsas para pesquisa iniciais como Iniciação Científica, 52,8% contra 47,2% das concessões a homens. Em nível de Mestrado desde 1998 as mulheres representam 52,1% das bolsas concedidas a pesquisadoras, contra 47,9% dos homens.

⁵ De acordo com o Censo 2012, cerca de 55% dos matriculados no ensino superior eram do sexo feminino.

Porém, ao que diz respeito às bolsas de Doutorado e de Produtividade, segundo Guedes (2014), a concessão de bolsas para as mulheres obterem o título de Doutoradas chega a 51%. Apesar dessa aparente igualdade de concessão entre homens e mulheres, é no nível de bolsistas de Produtividade que ocorre a maior disparidade entre as concessões. De acordo com o estudo, as mulheres passam a representar apenas 32% dos bolsistas nesse nível, e se esse resultado for desmembrado pelas categorias SR-1A-1B-1C-1D-2-2F a disparidade é ainda maior. Na categoria SR, pesquisador com maior titulação, 75,6% são homens contra 24,4% de mulheres. Para se ter uma ideia da disparidade entre os dados, a categoria em que a concessão de bolsas a mulheres chega mais próxima a dos de homem é no nível 2, 61,4% de homens contra 38,6% de concessão de bolsas as mulheres.

Com o resultado desses dados evidencia-se uma maior dificuldade na progressão feminina na carreira como pesquisadora. Se há um equilíbrio entre homens e mulheres até o Doutorado (51%-50%) é a partir da titulação bolsista de Produtividade que essa disparidade se intensifica, conforme mostram os dados da pesquisa.

Se observando as grandes áreas de conhecimento, segundo consta na pesquisa de Guedes (2014), as Ciências Humanas abrigam uma maior presença feminina, 50,6% se comparada a masculina 49,4; na área de Linguística, Letras e Artes são 63,3% do sexo feminino e 37,7 do sexo masculino. Essas, ainda são as áreas do conhecimento nas quais as mulheres são mais presentes em concessão de bolsas por produtividade se comparadas a outras áreas, como as ciências exatas.

Quando observados os resultados das chamadas ciências duras, historicamente conhecida como uma área masculina, os números da área de Ciências Exatas e da Terra mostram a presença de 77,7% dos pesquisadores homens contra 23,3% de mulheres. Ou as Ciências Agrárias: 78% de pesquisadores são do sexo masculino contra 22% do sexo feminino.

Apesar dos avanços, como criação de grupos específicos, seja por meio de ministérios ou por iniciativas das Instituições de Ensino Superior, e o resgate histórico de mulheres que contribuíram com a pesquisa científica no país, é explícita a dificuldade da mulher em progredir e se firmar na carreira de pesquisa.

A presença feminina no jornalismo científico

É indiscutível que as mulheres conquistaram grandes espaços em diversas profissões, principalmente as consideradas liberais, como advocacia, a magistratura, a medicina e outras. No jornalismo, é a partir do final dos anos 1960, com o fortalecimento dos cursos de graduação que as mulheres finalmente puderam adentrar as redações dos grandes jornais e revistas. Mesmo assim, segundo Koshiyama (2001) “as mulheres ficavam inicialmente nos suplementos femininos e em setores do jornalismo considerados pela opinião masculina dominante como de pouco prestígio ou de menor importância” (2001, p. 4). Se em meados do século XX a redação era um ambiente majoritariamente masculino, no final do século passado já era possível observar nos jornais, televisões e rádios uma redação já com a presença de mulheres. Em 1986 elas já ocupavam 36% dos quadros profissionais, e no final dos anos

1990 esse número chegava a 40% (ROCHA, 2004). E em 2006, segundo dados do Ministério do Trabalho, 52% das vagas de jornalistas eram ocupadas por mulheres.

Mostrando uma tendência de conquista do espaço nessa profissão, segundo a pesquisa realizada pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) “Quem é o jornalista Brasileiro? perfil da profissão no país”, as mulheres já respondem por 64% dos jornalistas no país. Segundo a mesma pesquisa “é possível afirmar que ao final de 2012 os jornalistas brasileiros eram majoritariamente mulheres brancas, solteiras, com até 30 anos” (FENAJ, 2012)⁶.

Quando se refere mais especificamente à especialização científica no jornalismo, os dados são mais difíceis de serem mensurados, pois os jornalistas especializados em ciência não são obrigados a se registrarem em um órgão de classe. Pesquisa “Um raio-X dos jornalistas de ciência: há uma nova ‘onda’ no jornalismo científico no Brasil?” (AMORIM; BAUER, 2013) há 500 jornalistas de ciência registrados na Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC). Segundo dados da mesma pesquisa “Um raio-X...” dois terços dos jornalistas científicos que responderam ao questionário enviado pelos autores são do sexo feminino, adultos entre 31 e 40 anos e trabalham com a cobertura de ciência há menos de cinco anos. Vale a pena ressaltar que muitos profissionais especializados na cobertura de ciência buscam cursos de pós-graduação: 42,3% possuem mestrado e 15,5% tem doutorado, como apontou a mesma pesquisa.

⁶ Pesquisa disponível em:
<www.fenaj.org.br/reinstitu/pesquisa_perfil_jornalista_brasileiro.pdf>.

Masculino e feminino no caderno Ciência e Saúde da Folha de São Paulo

Ao adotar como base para esta pesquisa os estudos do Projeto de Monitoramento Global (WACC), realizado desde 1995, alguns elementos da observação se destacam, conforme informações que seguem: a autoria da notícia (nesse caso a codificação feita por sexo), a pessoa na notícia (se a pessoa é citada direta ou indiretamente, idade e profissão). Nesse caso também foi levado em conta se a notícia destaca assuntos no que diz respeito a relações de gênero e ou reforça estereótipos contra as mulheres.

Durante os 30 dias de observação, 39 matérias foram coletadas. Ao todo, 15 profissionais, entre jornalistas e especialistas na área de ciência, assinaram textos para o periódico. Das 15 assinaturas apenas três são mulheres. Dos três textos assinados por mulheres, somente um diz respeito à jornalista da redação. As duas demais assinam como colaboradoras: Flávia Foreque, que assina uma matéria com Salvador Nogueira, “URSS pode ter escondido a morte de cosmonautas”, e Paula Sperb autora da matéria “Operação peixinho”. Já a jornalista Cláudia Collucci assina seis matérias no caderno, todas com a temática da medicina e seus possíveis transtornos pessoais e ou familiares. Portanto, cerca de 20% das matérias publicadas durante o período observado foram assinadas por mulheres.

Com relação às fontes presentes nessas mesmas matérias, foram contabilizadas um total de 53 pessoas⁷. Desse total, 13 mu-

lheres foram consultadas pelos profissionais da redação na elaboração das suas notícias. A proporção da presença masculina e feminina com fontes consultadas nas matérias no caderno Ciência e Saúde da Folha de São Paulo é de quatro para um, ou seja, de cada quatro fontes masculinas consultadas apenas uma era mulher. E desse total de 13 fontes femininas, duas delas foram consultadas de forma indireta. A Presidenta Dilma Rousseff, ao ser citada na entrevista realizada por Marcelo Leite com o secretário-executivo do Observatório do Clima Carlos Rittl sobre a política ambiental do governo. E a outra citação indireta é em referência ao estudo da pesquisadora Maria Inês Battistella Nemês, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

Dentro desse universo de presença masculina como maioria nas matérias do periódico vale o recorte de uma matéria em particular: assinada por Gabriel Malta, intitulada “Fome de *Whey*”, publicada no dia 24 de fevereiro que aborda o consumo excessivo dessa proteína. Para a construção dessa narrativa o repórter consultou seis fontes: quatro masculinas e duas femininas. As quatro fontes masculinas são: o nutrólogo Celso Cukier, Daniel Magnoni, diretor de nutrição do Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia, Vinícius Ceratto, vendedor da proteína, e Nabil Ghorayeb, médico do esporte do Hospital do Coração. Já as duas fontes femininas são a empresária Gabryella e a funcionária de cafeteria Keoma Ismael, que toma *whey* há três anos. Na análise dessa notícia em particular, o repórter mostra uma divisão entre especialistas em *whey* (homens) e consumidores (mulheres). Um profissional mais atento poderia contrabalancear essa proporção entre especialistas e consumidores.

⁷ Interessante observar que muitas das matérias publicadas só tinham uma fonte consultada e na maioria das vezes eram especialistas e na sua maioria do sexo masculino.

Ainda no que diz respeito à classificação da pessoa na notícia, vale ressaltar o fato de que somente as mulheres foram representadas como personagens. Como, por exemplo, o caso da notícia assinada por Cláudia Collucci “Famílias decidem ocultar de doente que ele tem Alzheimer”. Nessa notícia, assim como a outra mencionada anteriormente, somente especialistas do sexo masculino são consultados sobre a doença. A presença feminina no referido texto jornalístico fica resguardada a contar as dificuldades da família no tratamento com o doente de Alzheimer. Os subtópicos da matéria “de repente a gente se vê com uma filha de 75 anos”, e “amigos somem, a solidão se torna uma realidade” deixam claro essa diferenciação.

No que diz respeito às questões de gênero e o reforço de estereótipos em relação às mulheres, não houve a incidência, para além dos já mencionados, de matérias nesse sentido. Assim como em outras pesquisas sobre a presença feminina no jornalismo, verificou-se uma maior incidência da presença masculina no que tange a produção dos textos jornalísticos quanto à consulta das fontes, principalmente as ditas especialistas. Portanto, mesmo que as mulheres tenham conquistado uma equidade na ciência em relação ao homem, o jornalismo de ciência da Folha de S. Paulo ainda disponibiliza pouco espaço para mulheres cientistas em seu caderno de ciência.

Considerações finais

Como visto anteriormente, a talvez exclusiva pesquisa que se deteve em mapear, ainda que superficialmente, a quantidade de jornalistas científicos no Brasil mostrou a predominância do sexo feminino no exercí-

cio da profissão. E se resgataremos um pouco mais, este artigo mostrou também a igualdade entre os sexos feminino e masculino, principalmente nas áreas de Humanas, Biológicas e Linguística, Letras e Artes. Se elas são a maioria no exercício da ciência e na especialização científica do jornalismo, é de se supor que os resultados analisados durante a coleta comprovassem essa observação. Mas o que foi observado, mesmo que seja um pequeno recorte do campo jornalismo científico, pois se trata de um, entre tantos cadernos e revistas especializadas no assunto, é justamente o contrário.

Foi observado, no período analisado, uma maior incidência da presença masculina tanto como profissional autor da notícia, quanto como fonte consultada. E nesse sentido, confirma-se a predominância da presença masculina nesse periódico tanto como jornalista ou colunista, haja vista que as duas colunas dominicais assinadas são escritas por homens, quanto ao que se refere a consulta de fontes, uma vez que a proporção de fontes femininas nos textos é de um para quatro fontes masculinas.

Logicamente que não se pode afirmar que a especialidade científica do jornalismo é exclusivamente masculina olhando somente para os resultados desse artigo, pois ele é um pequeno recorte - mesmo sendo um recorte importante já que se trata do periódico de maior abrangência nacional, que possui um caderno ligado ao tema e de circulação diária - demonstra a dificuldade feminina na ascensão da carreira como pesquisadora científica que, por conseguinte, entre outros motivos, faz o jornalista especializado procurar fontes oficiais masculinas em detrimento das fontes do sexo masculino. Essa percepção é importante por que o jornalismo, entendido

como instituição social de procedimentos de natureza simbólica que por vezes dirige e orienta a conduta do cidadão, é um dos agentes que reproduzem essas determinações.

Referências

AMORIM, Luis; BAUER, Martin; MASSARANI, Luisa. Um raio-x dos jornalistas de ciência: há uma nova “onda” no jornalismo científico no Brasil?. Universidade Metodista de São Paulo - **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, 2013.

BANDEIRA, Lourdes. A contribuição da crítica feminista a ciência. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 2008.

BERGAMO, Alexandre; Lima, Samuel; MICK, Jacques. **Quem é o jornalista brasileiro? Perfil da profissão no país**. Disponível em:
<<http://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>>. Acesso em: 25 de mar. 2015.

GUEDES, Moema de Castro. **Bolsas e bolsistas de produtividade do CNPQ: Uma análise de gênero**. 14º Seminário Nacional de História da Ciência e Tecnologia, UFMG, Belo Horizonte. 2014. Disponível em:
<http://www.14snhct.sbhc.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=800>. Acesso em 17 de mar. 2015.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. **Mulheres jornalistas na imprensa brasileira**. Intercom, Campo Grande – MS. 2001. Disponível em:
<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/151284998075557168343153827227545496185.pdf>>. Acesso em 15 de mar. 2015.
MELO, Hildete Pereira de; LASTRES, Helena Maria M. Ciência e Tecnologia de gênero: o caso do CNPQ. In: Santos, Lucy. W. et al. (Orgs.) **Ciência, tecnologia e gênero: desvelando o feminino na construção**

do conhecimento. Londrina: IAPAR, 2006.

MORETZSOHN, Sylvia. Jornalismo e esclarecimento: um cotidiano exercício de suspensão. **Revista Verso e Reverso**, 2007.

Disponível em:

<<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/versoereverso/article/viewArticle/5759/5217>>. Acesso em: 15 de mar. 2015.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 2003.

RAYNAL, Florence. *Les femmes dans la France*. Label France, Paris, n. 37, out. 1999.

Disponível em:

<<http://www.ambafrance.org.br/abr/label/label37/dossier/01perrot.html>>. Acesso em: 20 de mar. 2015.

REIS, José. **Notáveis da C&T**. Disponível em:

<www.canalciencia.ibict.br/notaveis/livros/jose_reis_28.html>. Acesso em: 20 de mar. 2015.

RIBEIRO, Ana Paula. **A imprensa da independência e do primeiro reinado: engajamento e mercado**. Intercom, São Paulo, 2007. Disponível em:

<<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/5o-encontro-2007-1/A%20imprensa%20da%20independencia%20e%20do%20primeiro%20reinado.pdf>>. Acesso em 16 de mar. 2015.

ROCHA, Paula Melani. **As Mulheres Jornalistas no Estado de São Paulo: O Processo de Profissionalização e Feminização da Carreira**. Tese (Doutorado) – Programa de

Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de São Carlos, 2004.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** São Paulo: Edusc, 2001.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, Porto Alegre, jul./dez. 1990.